

COLOCAÇÃO PRONOMINAL: DAS DIFICULDADES DO AUTOR ÀS
AÇÕES DO REVISOR TEXTOS

PRONOMINAL PLACEMENT: FROM THE DIFFICULTIES OF THE AUTHOR
TO THE ACTIONS OF THE REVISER TEXTS

Ricardo Santos David
Universidade Florinda Christian
ricardosdavid@hotmail.com

RESUMO: Este artigo científico é baseado no revisor de textos, ao considerar suas características entre a atuação de outros profissionais na produção editorial. Mostraremos o que é revisão textual, um breve histórico dessa área profissional, que lida com a adequação textual. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica que permitiu constatar que, estes profissionais devem possuir vastos conhecimentos, por abranger todas as áreas do conhecimento humano. Concluimos que o perfil desse profissional mudou, agregando processo de editoração sugerindo que os profissionais se ajustem ao mercado e suas novas tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: Revisão de textos; Revisor textual; Editoração; Colocação Pronominal.

ABSTRACT: This scientific article is based on the reviewer of texts, when considering its characteristics between the performance of other professionals in the editorial production. We will show what is textual review, a brief history of this professional area, which deals with textual adequacy. For this, a bibliographical research was carried out that allowed to verify that, these professionals must possess vast knowledge, since they cover all the areas of the human knowledge. We conclude that the profile of this professional has changed, adding an editorial process suggesting that the professionals adjust to the market and their new technologies.

KEYWORDS: Review of texts; Textual reviewer; Publishing; Pronominal placement.

Introdução

Atualmente, diante do crescimento de manuais e dicas sobre como escrever bem, demonstra que a sociedade entende que escrever com as normas da gramática tradicional é mais aceitável, sendo a função do revisor de textos cada dia mais importante, por ser quem corrige as formas construídas nas normas padrão. Contudo, a ideia do revisor textual, apenas como corretor de ortografia e sintaxe, é errada por excluir a adequação textual, estilística e semântica com o tempo a prática na edição do texto foram incorporadas ao seu perfil profissional.

Temos os revisores como primeiros leitores dos textos, buscando encontrar os problemas. O leitor exige textos mais perfeitos possíveis e, por isso, o ato de revisar é importante. A pesquisa que explore os manuais de revisão se faz importante, visto que futuros profissionais compreendam como a leitura é importante. Esta pesquisa visa que futuros revisores se instrua para uma revisão eficiente, sendo necessário colocar em prática as teorias presentes nos manuais de correção de textos.

Tendo como objetivo apresentar uma reflexão teórica sobre o tema em discussão, trabalhado com embasamento teórico em bibliografias de autores entendidos no assunto. Serão expostas diversas perspectivas de conceituação dos diferentes autores, bem como as fronteiras de convergência realizadas pelo revisor textual. O revisor de textos é um sujeito cuja atenção volta-se quase que invariavelmente à observação do texto escrito, independentemente do gênero discursivo ou do portador em que este se apresente. Nos textos submetidos à revisão profissional, no ambiente escolar ou fora dele, a ação do revisor se faz crucial, no sentido de contribuir para a clareza, objetividade, coesão, coerência e adequação do texto em trabalho, além do respeito ao que determina a gramática normativa da língua padrão, ajudando o autor na finalização de seu texto, uma vez que ele, o autor, nem sempre faz uma real distinção entre o que prescreve a gramática normativa e as alternativas permitidas pelo uso coloquial da língua nas mais variadas situações. O intenso contato do revisor com uma grande diversidade de textos permite-lhe constatar, de modo geral e com certa constância, uma série de desvios em relação ao respeito e à aplicação das regras gramaticais. Dentre esses desvios, destaca-se o emprego dos pronomes, especialmente os oblíquos e os relativos. O presente estudo, tendo como embasamento teórico as contribuições de gramáticos e linguistas renomados, visando identificar as ocorrências dos pronomes relativos que demonstram o uso coloquial da língua materna e as que consideram a sua norma padrão. Parece que tal uso frequente

se dá ou por falta de conhecimento linguístico ou simplesmente pela ausência do hábito de usar outros relativos.

1. Levantamento de dados: análise de corpus - emprego e uso da colocação pronominal

A colocação pronominal é essencial para a boa comunicação. O pronome pode estar em três lugares numa frase: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) ou depois do verbo (ênclise). Veja as situações em que se devem utilizar os pronomes oblíquos átonos nos seus devidos lugares.

Próclise: as próclises se caracterizam pela presença de um pronome antes do verbo na frase. Exemplo: Aqui se faz, aqui se paga. Este ditado é um exemplo clássico da utilização do pronome oblíquo átono “se”.

Neste caso, como está precedido de um advérbio (aqui), deve-se utilizar a próclise. É necessário utilizar próclise nas seguintes situações:

- Palavras negativas ou interrogativas ou exclamativas: “não se deve mexer em nada”; “quando se pode sair?”;
- Com pronomes relativos, indefinidos e demonstrativos: “quem me chamou?”; “alguém lhe permitirá fazer isso”;
- Verbos proparoxítonos: “enquanto a ajudávamos”;
- Com advérbios: “Talvez ela o abrace”;
- Gerúndio precedido de “em”: esta é uma situação mais rara, veja: “em se tratando de humildade, ela é a melhor”;
- Com conjunções subordinativas: “se isso me for agradável, comprarei”;

O uso da próclise é o mais comum, já que compreende todos os tempos conjugações verbais. É necessário observar qual o sentido da frase para saber como utilizar a próclise de forma que o texto ou a frase tenham concordância e coesão.

Mesóclise: a mesóclise ocorre apenas nos tempos verbais “futuro do presente” e “futuro do pretérito”. Por conta disso, sua utilização está mais ligada ao uso da norma culta da língua portuguesa e pouco se ouve este tipo de expressão no cotidiano informal das pessoas. O uso da mesóclise indica que o pronome oblíquo átono está no meio do verbo.

Veja os exemplos:

- No futuro do pretérito: “arruinar-me-iam os negócios caso assumissem o controle”;
- No futuro do presente: “lavar-se-ão as pessoas que estiverem sujas de tinta”;

Como visto, a mesóclise é um tipo de colocação pronominal pouco utilizado no cotidiano, mas desempenha papel importante quando é necessária.

Ênclise: a ênclise é o ato de colocar o pronome oblíquo átono depois do verbo. É possível utilizar a ênclise em qualquer conjugação verbal, com exceção dos tempos “futuro do presente” e “futuro do pretérito” e do verbo na forma de particípio.

É possível utilizar a ênclise com verbos no particípio apenas quando ele estiver numa locução verbal. No entanto, para saber a colocação pronominal numa frase é necessário saber o seu sentido e significado.

Veja em quais situações é possível o uso da ênclise:

- Verbo no início de uma frase: “analisaram-lhe antes da contratação”;
- “entregue-a ao seu supervisor”;
- Gerúndio: “ele melhorou a potência intensificando-a”;
- Verbo no infinitivo: “cobri-la pode aumentar a temperatura”;
- Imperativo afirmativo: “homens, mexam-se!”.

É muito fácil confundir a hora de utilizar a próclise e a ênclise. Há muitas situações dentro da língua portuguesa que podem ser entendidas de duas formas diferentes e, no geral, há frases que podem ser ditas ou escritas de várias maneiras. Desta forma, o entendimento das regras fica realmente mais confuso, principalmente para quem possui dificuldade para gravar tais regras.

2. A colocação pronominal na língua portuguesa

A língua portuguesa falada no Brasil é sutilmente diferente da que é falada em outros países de origem portuguesa, como Angola e até mesmo Portugal. As influências de outras línguas e também da forma como os termos eram utilizados fez com que a colocação pronominal sofresse alterações ao longo da história. Até hoje a colocação pronominal pode ser diferente em alguns lugares de Portugal, graças a grande variedade de miscigenações na língua portuguesa falada lá. Com a recente reforma da língua portuguesa, muitos termos muda-

ram e, como o português de Portugal era muito diferente dos nossos tempos verbais e outras características da língua acabaram mudando. Foi o caso da colocação pronominal em algumas situações. Logo, é compreensível que ainda haja contradições na forma de utilização de alguns pronomes oblíquos átonos em frases ditas e escritas, tanto aqui quanto em Portugal.

Para quem quer ter sempre certeza de que está utilizando tais pronomes de forma correta, ter um dicionário e consultá-lo sempre que necessário, é a maneira mais garantida de falar e de escrever o português de forma perfeita.

Encontramos as regras de colocação pronominal do português do Brasil facilmente basta consultar os compêndios gramaticais, através, de regras, e macetes. Sendo tão fácil o acesso às regras listadas tradicionais, e com livros e websites para ter acesso a esses conteúdos, por que então, tantas dúvidas e equívocos com relação ao uso correto dos pronomes oblíquos? Se na hora de redigir um texto temos tantas dúvidas e tentamos fugir do problema?

(LIMA, 2003) realizou um estudo sobre a norma escrita presente em textos jornalísticos e científicos. Tendo como objetivo verificar se as regras gramaticais são seguidas nos textos e avaliar como professores de português, linguistas e alunos do curso de Letras se posicionavam a respeito. Observou que, quando dois autores analisados empregavam de forma distinta ela teria de considerar ambas corretas, simplesmente porque, para cada uso havia um gramático que o amparava.

3. Análise linguística do pronome relativo

São pronomes relativos: que, quem, o qual, cujo, onde, quanto e suas variações no plural e feminino (quanta, quantos, quantas – “A sua voz me despertava tudo quanto de bom conservo na alma”. (cuja, cujos, cujas; a qual, os quais, as quais.)

Os pronomes relativos são extremamente importantes na construção de orações, pois funcionam como elementos de ligação. Eles se referem, em geral, a um termo anterior ou antecedente, já mencionado no discurso. Reproduzem, assim, o sentido de um termo (substantivo, pronome, adjetivo ou advérbio) ou de uma oração inteira. A função dos pronomes relativos é, portanto, meramente formal, e daí advêm as principais dificuldades de seu uso.

Os pronomes relativos, além de representarem um termo antecedente, desempenham também diversas funções sintáticas na oração que iniciam. Justamente por representarem um termo que apareceu antes, os pronomes relativos possuem uma dupla função: remetem-nos ao termo precedente (que o

pronome representa) e também desempenham função sintática na oração à qual pertencem. É justamente esta função de relação, de elo entre duas orações, desempenhada pelo pronome relativo, que cria as maiores dificuldades em seu uso.

Um dos principais problemas, no domínio da expressão verbal, ocorre com o uso dos pronomes relativos (principalmente que, o qual, quem e cujo). Esses pronomes são costumeiramente usados de maneira incorreta. Procuramos fazer a seguir um breve levantamento e uma classificação dos problemas mais comuns.

(Bechara, 2009, p. 171) define pronomes relativos como sendo “elementos que se referem a um termo anterior chamado antecedente”. Na língua portuguesa, esses pronomes são:

- Que – se refere a pessoas ou coisas e sua função é de pronome substantivo;
- Qual (o qual) – se refere a pessoas ou coisas e sua função é de substantivo ou adjetivo;
- Quem – se refere a pessoas ou coisas personificadas, funciona como pronome substantivo e vem sempre precedido de preposição;
- Onde – assume a função de adjunto adverbial (= lugar em que, no qual).

Dentre as oito orações analisadas, cinco apresentaram erros quanto ao uso indevido dos pronomes relativos e/ou das preposições que devem acompanhá-los. Nesses casos, a origem dos erros foi o desconhecimento sobre regência verbal, já que os pronomes relativos devem vir sempre após a preposição que rege o verbo principal da oração relativa.

4. Da teoria à prática: estudos dos pronomes mais empregos na língua portuguesa

4.1 Emprego e uso Onde, aonde:

O pronome onde refere-se a lugar físico e indica permanência: “A casa onde ele mora”. “O parque onde as crianças brincam”. “A empresa onde ele trabalha.”

Pode ser, ainda, advérbio interrogativo (em que lugar): Onde ele está?

A utilização incorreta do pronome onde ocorre em geral quando o sentido de lugar não existe na oração, e o correto seria utilizar o pronome que: “É uma conclusão, onde ela acredita que esteja correta”.

Sugestão: É uma conclusão que ela acredita que esteja correta (ou “que ela acredita estar correta”).

Onde vem sendo cada vez mais utilizado sem referência a lugar, simplesmente equivalendo a em que ou no qual, o que é condenado pelas gramáticas normativas:

A tese onde...
O livro onde...
No caso onde...
Teoria onde...
A entrevista onde...
Um negócio onde...
Uma situação onde...

Aonde, por sua vez, a contração de a + onde, significa para onde, ou seja, implica direção e deve ser utilizado apenas com verbos de movimento. Portanto, a oração: ‘Não sabiam aonde ele estava.’ não é correta, pois não há ideia de movimento na frase. Já as frases seguintes estão corretas: “Não sei aonde ele quer chegar”. “Aonde vamos?”

4.2 Emprego do pronome *que*:

Que é um pronome de referência a pessoas ou coisas, e corresponde a o qual, a qual, os quais e as quais, embora nem sempre um possa substituir o outro. O pronome *que* se refere sempre a um nome ou a um pronome.

A variedade de funções sintáticas desempenhadas pelo pronome *que* exige diversas preposições: a casa a que vou; os elementos com que conto; os recursos de que disponho; as razões em que se baseiam.

Talvez o uso inadequado mais comum do pronome relativo ocorra na introdução de uma oração adjetiva, que deixa na verdade a oração principal incompleta (lembro que orações subordinadas serão abordadas com mais profundidade em sintaxe):

O marketing, que auxilia as empresas a venderem seus produtos.

Sugestão: O marketing auxilia as empresas a venderem seus produtos. Ou: O marketing, que auxilia as empresas a venderem seus produtos, é essencial para as empresas hoje em dia.

A globalização da economia mundial, que tem rompido barreiras e fronteiras do comércio exterior, em todo o mundo.

Sugestão: A globalização da economia mundial tem rompido barreiras e fronteiras do comércio exterior, em todo o mundo.

4.3 Emprego e uso do pronome *cujo*:

O pronome *cujo* tem o significado de: dele (dela), do qual (da qual) etc.

O uso inadequado do pronome relativo *cujo* está em geral associado ao uso de artigo:

Tivemos que alterar o preço do produto X, cuja as vendas diminuiram.

Sugestão: Tivemos que alterar o preço do produto X, cujas vendas diminuiram.

No valor de *cujo* se inclui o valor de um artigo definido, então não se prevê o uso de um artigo definido após *cujo*. Todos os exemplos a seguir, portanto, estão incorretos: *cujo o responsável*, *cujo o título*, *cuja a inflação*, *cuja a equipe*, *cuja a atuação*. Outro erro comum é a expressão ‘*cujo qual*’.

O pronome *cujo* tampouco funciona para a indefinição, não podendo, portanto ser seguido de artigo indefinido:

O rapaz cuja uma atitude me impressiona

A calça cujas umas das partes o capim cheio de água molhava.

Ocorre também uma série de erros no emprego dos pronomes relativos que se explicam pela concordância e pela sintaxe, e que serão estudados posteriormente. O principal segredo para o uso apropriado do pronome relativo é a identificação do termo ao qual ele se refere no período

5. Emprego dos pronomes relativos aplicados em orações

5.1 Os pronomes relativos virão precedidos de preposição se a regência assim determinar

Havia condições	a	que	nos opúnhamos. (opor-se a)
Havia condições	com	que	não concordávamos. (concordar com)
Havia condições	de	que	desconfiávamos. (desconfiar de)
Havia condições	–	que	nos prejudicavam. (= sujeito)
Havia condições	em	que	insistíamos. (insistir em)

5.2 Análise gramatical da função do emprego dos pronomes e adequações linguísticas

O pronome relativo **quem** se refere a uma pessoa ou a uma coisa personificada.

*Não conheço a médica **de quem** você falou.
Esse é o livro **a quem** prezo como companheiro.*

Quando o relativo **quem** aparecer sem antecedente claro é classificado como **pronome relativo indefinido**.

***Quem** atravessou foi multado.*

Quando possuir antecedente, o pronome relativo **quem** virá precedido de preposição.

*João era o filho **a quem** ele amava.*

O pronome relativo **que** é o de mais largo emprego, chamado de **relativo Universal**, pode ser empregado com referência a pessoas ou coisas, no singular ou no plural.

*Conheço bem a moça **que** saiu.
Não gostei do vestido **que** comprei.
Eis os instrumentos **de que** necessitamos.*

O pronome relativo **que** pode ter por antecedente o demonstrativo o (a, os, as).

*Sei **o que** digo.* (o pronome **o** equivale a **aquilo**)

Quando precedido de preposição monossilábica, emprega-se o pronome relativo **que**. Com preposições de mais de uma sílaba, usa-se o relativo **o qual** (e flexões).

*Aquele é o machado **com que** trabalho.
Aquele é o empresário **para o qual** trabalho.*

O pronome relativo **cujo** (e flexões) é relativo possessivo equivale a **do qual, de que, de quem**. Deve concordar com a coisa possuída.

*Cortaram as árvores **cujos** troncos estavam podres.*

O pronome relativo **quanto, quantos e quantas** são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos **tudo, todos ou todas**.

*Recolheu **tudo** quanto viu.*

O relativo **onde** deve ser usado para indicar lugar e tem sentido aproximado de **em que, no qual**.

*Esta é a terra **onde** habito.*

Onde é empregado com verbos que não dão ideia de movimento. Pode ser usado sem antecedente.

*Nunca mais morei na cidade **onde**.*

Aonde é empregado com verbos que dão ideia de movimento e equivale a **para onde**, sendo resultado da combinação da preposição **a** + **onde**.

*As crianças estavam perdidas, sem saber **aonde** ir.*

6. Revisor e interlocutor

Os revisores realizam uma leitura prévia do texto buscando compreensão e familiaridade, por vezes, angustiante, já que, textos sem clareza, tornam a leitura cansativa.

Escritores, ao escreverem seus textos, devem avaliar que escrevem para diferentes leitores, sendo fácil entender a si mesmo, difícil e se fazer entender. Competindo aos revisores textuais, ler várias vezes os textos, para torná-los melhores aos leitores.

Segundo Yamazaki (2007):

É importante que os editores conheçam o espectro de usos linguísticos possíveis, assim como o espectro dos estigmas que acompanham esses usos, para que decida de modo consciente, o que adotar. É essencial compreender a pluralidade linguística, para não eleger suas próprias normas e aplicar suas opções. (YAMAZAKI, 2007, p. 10)

Ninguém escreve para não serem lidos os escritores que desejam tornar seu texto público querem despertar a atenção do leitor. A responsabilidade do autor é cobrada quanto à unidade do texto, clareza, não contradição, correção, etc.

Uma explicação é a situação em que o professor considera certos textos de alunos, compreensíveis, mas inaceitável estando o professor cobrando, que o aluno assuma a posição de autor (Orlandi, 1996, p.09).

Os autores criam imagens de pessoas muito exigentes, que irão ler seus textos e julgá-los bons ou ruins. Podendo fazer propagandas tanto positivas quanto negativas. Os autores que buscam sucesso querem despertar a curiosidade.

Martins (1994, p. 60) cita que tudo o que lemos, é uma visão de mundo, de um sistema de ideias e técnicas, comprometendo o autor com o que produz e, com seus possíveis leitores. Existindo relação entre texto e ideologias, por ser inerente à intenção do autor, tornando-se elementos de ligação entre ele e os leitores. Os revisores posicionam-se como leitores dos textos analisando se os textos dizem tudo o necessário por si só se serão necessárias explicações dos autores. Os textos são contextos com sentidos construídos pela ação dos que neles estavam envolvidos.

Os leitores conhecerão o conceito dos autores, suas ideologias e estilo, ao lerem os textos e, buscando justamente desses itens e alguém com capacidade de raciocínio que os fascinem.

Por isso, as necessidades da revisão onde autores precisam se apresentar bem, diante dos leitores que, geralmente, devoram os textos. Os revisores textuais contribuem para que os leitores sejam fascinados pelos textos, e não os repudie. (MALTA, 2000).

Considerações finais

A sociedade moderna em relação à produção escrita em língua portuguesa tende a aumentar, valorizando a cada dia o trabalho do revisor de textos.

Para os revisores as leituras, são estratégias para adquirir compreensão, cultura, linguística e seguir a velocidade da informação. Bons revisores devem ter conhecimentos da língua que desenvolvem seu trabalho, ter uma cultura

abrangente e aquisição de conhecimento.

Com o surgimento da informática, pensaram que as tecnologias, como a ferramenta de correção do programa Word, poderiam substituir o revisor. Porém, apesar de importante, é passível de erro, ficando, dependente do intermediário do revisor.

Atualmente os trabalhos dos revisores são bem mais complexos e requer maior qualificação, atenção e dedicação. Um livro tem de passar pelas revisões das três provas, mesmo assim, é possível encontrar erros. Possibilitando aos autores obterem sucesso por uma publicação bem revisada é maior.

Um texto claro e coerente pode ser atraente ao leitor. Os revisores têm autoridade de alterar textos de outrem, para torná-los melhores, facilitando ao leitor construir sentidos ou clarear os sentidos dos autores que querem dar aos seus textos. Revisor e autor, estão envolvidos no processo de colocar os textos mais claros e legíveis possíveis, lembrando, que o revisor deve ter sempre em vista seus limites.

O objetivo geral deste artigo foi mostrar o trabalho do revisor de textos e quais habilidades são cobradas em sua profissão. Observa-se, através da reflexão da leitura da bibliografia, mudou o perfil com a criação de novas tecnologias e o mercado editorial.

Diante desse novo perfil do revisor, os profissionais precisam urgentemente se motivar a adquirir habilidades adicionais. Outro aspecto é a reformulação das pessoas que integram este mercado de trabalho, bem como a formação continuada dos profissionais que já atuam no mercado.

A normalização textual é uma questão alvo de estudos pela ABNT, há mais de trinta anos e possuindo ampla aceitação do mercado editorial, acadêmico e científico fato importantíssimo e que não pode ser deixado de lado. O presente artigo mostrou que o perfil do revisor sofreu mudanças e que é preciso que estes especialistas se adéquem a esse mercado em expansão. A formação e atuação do profissional revisor de textos não são simples requerendo o esforço e apropriação do que lhe é exigido.

Referências

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- _____. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. 37.ed.rev.e ampl.16ª, Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BRASIL. PCNs Língua Portuguesa - Ensino Fundamental Brasil. Secretaria

- de Educação. Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa 3º e 4º ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- LIMA, R. B. *Estudo da norma escrita brasileira presente em textos jornalísticos e técnico-científicos*. 2003.
- LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 06. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1985.
- MALTA, Luiz Roberto. *Manual do revisor*. São Paulo: Editora WVC, 2000.
- MARTINS, Maria Helena. *O Que é Leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos; 74).
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. 03. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996. (Coleção passando a limpo).
- OLIVEIRA, Magno de Aroldo. *Gramática: perspectivas científicas e ideológicas*. Revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais. Revista Querubim – 2006/02.
- YAMAZAKI, Cristina. *Editor de texto: quem é e o que faz*. São Paulo, 2007.

Recebido em 25 de junho de 2017.

Aceito em 18 de agosto de 2017.